

O DISCURSO HOMOSSEXUAL NA IMPRENSA ESPECIALIZADA: RESTRICÇÕES SEMÂNTICAS E DESLOCAMENTO DE SENTIDOS¹

Graziela Zanin KRONKA

RESUMO *Nosso propósito é discutir o funcionamento discursivo da imprensa especializada homossexual. Pretendemos observar o papel desempenhado por este tipo de publicação nas relações de sentido do discurso homossexual. A fim de realizarmos uma leitura reflexiva do discurso homossexual, adotamos teorias da escola francesa da Análise do Discurso, principalmente os estudos de Maingueneau (1984, 1987). Pretendemos verificar se a imprensa especializada homossexual, enquanto representante deste grupo, ao se relacionar com as posições discursivas relativas à luta política do grupo, principalmente no que diz respeito à reivindicação por visibilidade, promove o deslocamento de sentidos que permeiam o discurso sobre a homossexualidade.*

ABSTRACT *The purpose of this study is to discuss the discursive workings of the specialized homosexual press. Our aim is to observe the role played by this type of press on the meaning relations in the homosexual discourse. To accomplish a reflexive reading of the homosexual discourse, we've adopted theories coming from the french school of discourse analysis, specially the studies by Maingueneau (1984, 1987). We intend to verify if the specialized press promotes a displacement of the meanings that permits the discourse of visibility.*

Este artigo resume as idéias principais defendidas e discutidas em nossa dissertação de mestrado, cuja proposta principal foi a discussão em torno da imprensa especializada homossexual, com enfoque no provável jogo estabelecido entre interesses da segmentação do mercado editorial e interesses de militância do movimento homossexual organizado (incluindo aí tanto os militantes ativistas

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de julho de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti.

quanto os chamados “independentes”, ou seja, aqueles que não estão filiados a nenhum grupo organizado).

Nosso intuito com este texto é mostrar o comportamento discursivo de uma publicação especializada frente às posições enunciativas propagadas pelo discurso militante do movimento organizado. Pretendemos chamar a atenção para dois questionamentos: (a) esta publicação, enquanto representante do grupo homossexual, promove o deslocamento de sentidos que permeiam o discurso sobre a homossexualidade, ao se relacionar com as posições discursivas relativas à luta política do grupo, principalmente no que diz respeito às reivindicações por visibilidade?; (b) tal deslocamento é suficiente para reorganizar as relações discursivas aí presentes e, conseqüentemente, promover a ressignificação desse discurso, mostrando que este não se constitui somente da mera repetição de enunciados já consolidados sobre a homossexualidade?

Para estudar a questão da imprensa especializada homossexual, escolhemos *SuiGeneris*, uma revista que circulou nas bancas de jornal de janeiro de 1995 a março de 2000. A escolha dessa publicação como material de estudo justifica-se pelo fato de a mesma constituir uma fonte rica e atual de temas diretamente relacionados ao desenvolvimento histórico das discussões sobre a homossexualidade. O intuito não é partir para uma caracterização de conteúdo, mas utilizar o material como fonte do funcionamento discursivo de acontecimentos relacionados à prática política homossexual e observar seu posicionamento, enquanto veículo de comunicação social, frente a esses acontecimentos.

A revista, assim como a imprensa dirigida ao público homossexual de maneira geral, parece fixar-se em dois objetivos: o primeiro seria o de desenvolver as discussões sobre a homossexualidade; o segundo seria o de atender à segmentação do mercado editorial; objetivos que, por sua vez, parecem refletir a própria definição dicionarizada (cf. dicionário *Aurélio*) da expressão *suigeneris* em suas duas acepções: a primeira, *de seu próprio gênero* (definição etimológica, que corresponderia à fixação do primeiro objetivo, que chamaremos de significado I); e a segunda, *que não apresenta analogia com nenhuma outra (...) coisa* (definição que corresponderia ao segundo objetivo no que diz respeito à busca, por parte do mercado editorial, do ineditismo como atrativo para anunciantes e leitores, que chamaremos de significado II).

O significado I, ligado à promoção das discussões sobre a homossexualidade, parece se instaurar de duas maneiras. A primeira corresponde à reiteração de posições “mais avançadas” sobre a homossexualidade, caso em que *SuiGeneris* pode ser considerada como uma decorrência histórica das discussões sobre sexualidade/homossexualidade, caracterizando-se por certa “autenticidade”. Trata-se do início de um caminho para instaurar uma formação discursiva (relacionada às reivindicações homossexuais) que reorganiza as relações com a formação discursiva dominante (relacionada à instauração da heterossexualidade dita “normal”). Já a segunda maneira diz respeito a “recaldas” em posições preconceituosas em relação a

sexualidade/homossexualidade, caso em que a revista pode ser considerada como uma decorrência histórica das discussões sobre a homossexualidade (mantendo, ainda na atualidade, algumas das contradições ligadas ao tema) ou pode ser considerada como um produto que faz a mediação entre certo tipo de anunciante e certo tipo de consumidor, ocasião em que a preocupação mercadológica supera a preocupação temática.

O significado II, por sua vez, está mais ligado à tentativa de se fixar por meio de uma argumentação fundada na exclusividade e no ineditismo (argumentos que têm tudo a ver com a posição de um discurso que se autoproclama de vanguarda) como forma de atender certas exigências do mercado editorial para atrair o maior número possível de leitores.

Em resumo, *SuiGeneris* parece ter surgido com dois propósitos declarados: atender à segmentação do mercado editorial jornalístico e propor o desenvolvimento de discussões sobre a homossexualidade. Com este trabalho, pretendemos observar o comportamento discursivo desta publicação em relação a esses propósitos, sem esquecer que é, antes de mais nada, um produto de mercado e, dessa forma, não tem “obrigação” de ser representante direta do movimento homossexual organizado, apesar de se comprometer com propósitos que têm tudo a ver com as questões da militância.

Para o estabelecimento do corpus, partimos de uma seleção qualitativa do material disponível, assim como de materiais provenientes de outras fontes relacionadas à repercussão das discussões sobre a homossexualidade. Visamos estabelecer o corpus de acordo com assuntos relacionados ao desenvolvimento histórico da figura do homossexual – considerando o que chamamos de significado I e de significado II – para, assim, detectar como a revista se relaciona com posições correntes, contrárias ou favoráveis à sua, no que diz respeito à enunciação da homossexualidade.

O parâmetro que estabelecemos para detectar aspectos da discussão sobre questões relativas à homossexualidade foi a enunciação do movimento organizado. Para isso, contamos com a aquisição de materiais de divulgação dos grupos homossexuais (*folders*, boletins, jornais), com a participação em eventos promovidos pelo movimento (palestras, encontros), com a leitura de bibliografia sobre sexualidade e sobre homossexualidade e com a participação em reuniões semanais organizadas pelo grupo Identidade, de Campinas (SP). A partir daí, observamos como o discurso é assimilado e passamos a procurar neste material os aspectos que privilegiamos nas análises, dentre os quais o posicionamento da revista frente à política do “assumir-se” propagada pelo discurso da militância pela visibilidade. Estabelecemos, então, as discussões privilegiadas em relação a estes aspectos e selecionamos alguns enunciados (ou conjuntos de enunciados) que consideramos representativos para ilustrar estas discussões.

Não pretendemos, com esta delimitação, privilegiar certas seções da revista em detrimento de outras. Ao adotarmos a concepção de Semântica Global (cf.

MAINGUENEAU, 1984) que postula a existência de conjuntos de traços semânticos que permitem produzir enunciados referentes a um dado discurso e que trata da descrição do sistema de restrições a que todo discurso é submetido – sistema que estabelece os enunciados que podem e os que não podem ser ditos pelo enunciador enquanto sujeito do discurso –, assumimos que o conjunto de traços semânticos afeta todos os domínios do discurso, não privilegiando nenhum de seus planos. Ao concordarmos com Maingueneau, recusamos *a idéia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou privilegiada que fosse* (MAINGUENEAU, 1984, p.12). O que significa que o sistema de restrições afeta todos os planos do discurso da mesma maneira. Dessa forma, acreditamos que os aspectos semântico-discursivos que caracterizam o discurso dessa publicação atravessam e caracterizam toda a sua configuração.

Antes de partirmos para a análise propriamente dita, abordaremos alguns acontecimentos que consideramos significativos para compreender as relações interdiscursivas que permeiam o discurso da militância pela visibilidade.

Foucault (1976) nos mostra que, a partir do século XIX, o homossexual se tornou personagem, cujas ações passaram a ser julgadas em relação à sua sexualidade. Diferentemente do sodomita, que era um criminoso, o homossexual era visto como uma espécie, relegada à periferia do modelo estabelecido como padrão em relação à sexualidade.

As sexualidades então consideradas “periféricas” - entre elas a dos que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo - fizeram com que se multiplicassem as condenações às práticas que fugissem do padrão de heterossexualidade monogâmica, legitimando, no século XIX, a valorização do prazer sexual entre homens e mulheres. A heterossexualidade tornou-se socialmente obrigatória, definindo, assim, uma anti-homossexualidade também obrigatória.

O estabelecimento de práticas da sexualidade, excludentes entre si, fundadas na oposição entre normalidade (atribuída à prática heterossexual) e anormalidade (atribuída à prática homossexual) relegou o indivíduo “assumido” homossexual à identificação a uma categoria da sexualidade, a saber, a homossexualidade. Assumir-se homossexual correspondia a ter permissão para pertencer a um grupo que, aos olhos da sociedade, consolidava a existência da homossexualidade ao mesmo tempo que reforçava a oposição entre normalidade e anormalidade. O grupo homossexual, assim como estava configurado, isolado do restante da sociedade, contribuía para restringir as relações dos homossexuais assumidos somente em seu interior. Ser homossexual correspondia a estar vinculado a um grupo que o representava. Nesse momento de identificação homossexual, *a sexualidade remet[ia] ao objeto, mas não ao sujeito que a pratica[va]. Ainda que o indivíduo [fosse] incitado (...) a falar sobre detalhes de suas particularidades sexuais, não deve[ria] fazê-lo senão para expor o seu corpo como lugar da sexualidade, jamais para afirmar-se a si próprio como sujeito dela.* (SOUZA, 1997, p.31)

A partir da segunda metade do século XIX, com o surgimento do Comitê Humanitário e Científico², a primeira forma de expressão do movimento homossexual organizado do mundo, a concepção do “assumir-se” homossexual sofreu um deslocamento que, mais tarde, viria consolidar-se juntamente com o fortalecimento do movimento de militância homossexual. O Comitê lançou as bases da militância pela visibilidade, que se fortaleceram a partir da segunda metade do século XX com a fundação dos chamados grupos organizados de homossexuais.

A partir de então, homossexuais do mundo todo passaram a se reunir em torno de um mesmo objetivo: a visibilidade. Esta prática da comunidade militante homossexual *pressupõe uma forma mais contínua e recorrente de manifestação no que ela tem de menos extremista e mais marcante: estar afirmando e se posicionando diariamente de acordo com a orientação [sexual], tornando-se visível através de uma prática política de exposição mais eficaz* (MORANDO, 1998).

O “assumir-se” homossexual passou de um modo de se inscrever em uma categoria excludente da sexualidade a um modo de inserir-se numa prática política de representatividade. Não se trata mais de ser identificado por pertencer a um grupo, mas de buscar a identidade por meio de um *processo de revelação, afirmação e sustentação da subjetividade do indivíduo pelo próprio indivíduo* (MORANDO, 1998).

O grupo, agora, ao menos teoricamente, não é apenas espaço de sociabilidade para os homossexuais; ao contrário, visa facilitar a visibilidade e a expansão das relações entre homossexuais e a sociedade como um todo. De acordo com Souza (1997, p.22):

a história da militância homossexual, inserida entre os vários movimentos sociais urbanos de minoria, traz à tona a questão da sexualidade como um dispositivo de subjetivação. O desafio é que, aí, as práticas sexuais são tomadas como uma questão a se inscrever no espaço público. Trata-se (...) de tornar pública uma instância individual e colocá-la como fato político.

² O Comitê Científico Humanitário, fundado na Alemanha em 1897, fundamentava-se, basicamente, em três princípios: (a) buscar o apoio do poder Legislativo para abolir determinados itens da Constituição dotados de um conteúdo anti-humanitário em relação aos homossexuais; (b) combater os “mitos” em torno da homossexualidade; (c) despertar nos homossexuais seus direitos de cidadania. As discussões repercutiram com tamanha eficiência que não tardaram a surtir efeitos: na década de 20, o Comitê contava com 25 sucursais espalhadas pelo mundo. Além das reuniões internas, seus representantes promoveram vários congressos para discutir a situação dos homossexuais, até que, na década de 30, os nazistas, apoiados na constituição alemã, passaram a atacar os locais de reunião dos homossexuais, prendendo seus participantes e levando-os aos campos de concentração, de onde dificilmente retornariam. A liga foi dissolvida em 1933.

As informações sobre o Comitê Humanitário e Científico foram extraídas de uma conferência proferida pelo escritor João Silvério Trevisan, durante o IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis, realizado de 21 a 23/02/97, em São Paulo.

Souza nos mostra ainda que a militância pela visibilidade possibilitou a *ampliação do espaço enunciativo da homossexualidade*, fato que *viabilizou as condições de produção e expressão da subjetividade homossexual na forma sujeito de direito* (SOUZA, 1997, p.33). Dessa forma, *afirmar-se sujeito homossexual passou a significar (...) dizer-se com os mesmos direitos que qualquer indivíduo* (SOUZA, 1997, p.34).

Acreditamos que *SuiGeneris*, enquanto veículo de comunicação direcionado ao público homossexual, representou um papel significativo na luta pela visibilidade, tendo contribuído, mesmo que timidamente, para suprir a carência do espaço de militância política homossexual no país. Nossas discussões que se seguem pretendem verificar a eficácia deste papel desempenhado pela revista.

Para analisar o comportamento discursivo de *SuiGeneris*, em relação à política do “assumir-se” e a outros aspectos, tomamos como ponto de partida a noção de interdiscurso, proposta por Maingueneau (1987, p.112), segundo a qual *uma formação discursiva não deve ser concebida como um bloco compacto que se oporia a outros, (...) mas como uma realidade heterogênea por si mesma*. Ao defender o primado do interdiscurso sobre o discurso, Maingueneau concebe a identidade discursiva a partir de relações intradiscursivas, sendo estas últimas fundadas em um espaço de trocas, e não em um espaço de identidade fechada. Isto significa que todo discurso é heterogêneo, já que o diálogo com outros discursos faz parte da própria identidade discursiva.

As relações interdiscursivas que se dão num discurso estabelecem, dessa forma, a rede semântica que permeia o discurso, ou seja, estabelecem um conjunto de traços semânticos que determinam, nesse discurso, os enunciados que podem e devem ser ditos por seus enunciadores (o “direito” do discurso) e os que devem ser refutados (o “avesso”, os enunciados pertencentes ao discurso “ameaçador” do Outro). A identidade discursiva está, portanto, constituída na relação com o Outro.

Essa rede semântica vai determinar o sistema de restrições ao qual estão submetidos todos os planos do discurso. Este conjunto de restrições corresponde ao que Maingueneau chama de Semântica Global do discurso. Para nossos propósitos, trata-se de detectar o traço fundamental que caracteriza o núcleo semântico que rege a enunciação sobre a homossexualidade na revista. Este traço é delimitado pela relação entre discurso (e sujeito do discurso) valorizado e discurso (e sujeito do discurso) desvalorizado.

Portanto, também faz parte da formação da identidade discursiva um mecanismo polêmico com o Outro (o discurso “adversário”). A polêmica, aqui, é entendida como conflito discursivo, e não no sentido habitual de controvérsia violenta.

Maingueneau postula, a respeito da polêmica, a aptidão que os enunciadores têm de reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados ou da(s) formação(ões) discursiva(s) que constitui(em) seu outro (MAINGUENEAU, 1984, pp.53-4). Mais do que isso, trata-se, ainda segundo Maingueneau, da *aptidão de*

interpretar, traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições (MAINGUENEAU, 1984, p.54). A polêmica, ao invés de prejudicar a estabilidade do discurso, como se poderia acreditar, é até necessária para sua sobrevivência, porque faz parte da própria constituição do discurso. É necessária também porque é nessa relação com o outro que o discurso cria possibilidades de mostrar a crença em sua superioridade.

Assumindo, então, a polêmica como algo intrínseco ao discurso, convém ressaltar que esse conflito não se dá de qualquer maneira. Segundo Maingueneau, *a “incompreensão” (...) se transforma em “interincompreensão” porque obedece a regras e estas regras são as mesmas que definem a identidade das formações discursivas consideradas* (MAINGUENEAU, 1987, p.120).

Trata-se de ver o Outro a partir de sua própria ótica, de colocar na boca do adversário palavras que relevam do registro negativo de seu próprio discurso. O enunciador do discurso imagina que recusando o Outro, como se este relevasse de seu registro negativo, está reafirmando a validade de seu registro positivo.

Ilustraremos a instauração dessa relação polêmica, importante para detectarmos o traço fundamental que caracteriza o “núcleo semântico” em torno do qual gira a enunciação sobre a homossexualidade, com a discussão a respeito dos enunciados a seguir:

(1) “Mas afinal o que mudou no Brasil? As leis continuam as mesmas e ninguém pode dizer que o senso comum já nos reconhece como cidadãos iguais aos demais. A grande novidade, portanto, é a gente mesmo. O grande número de gays e lésbicas brasileiros que cansaram de **viver com medo em suas prisões domiciliares e passaram a se permitir a mesma liberdade a que qualquer pessoa tem direito (...)**” (do editorial “Boa causa”, publicado na edição n°4);

(2) “Na verdade **a gente quer muito falar. Todos os gays e lésbicas, certamente, querem ser out. Quem vai preferir carregar indefinidamente esse peso da mentira e da dissimulação? Assumir o que somos traz uma leveza**, que só conhece quem já trocou a vergonha de viver com medo (porque quem se esconde sofre com a possibilidade de ser descoberto) pelo orgulho de ser livre.”

“Muita gente não sabe por onde começar a **vencer esse isolamento**. Ainda mais quando não se é out num mundo que fala constantemente sobre sexo. (...). A sexualidade vai entrando nas entrelinhas como o assunto preferido de toda humanidade e **deixando sem assunto quem se vê proibido de falar da sua.**”

“E esse **desejo de comunicar tem tudo a ver com o desejo de liberdade**. Um preso, um exilado em terra estrangeira **não têm direito à palavra.**” (do editorial “Só entre nós não!”, publicado na edição n°9);

(3) LEITOR: “(...) Recém-completei 19 anos e **assumi para meus pais minha homossexualidade**. Está sendo realmente o momento mais difícil da minha vida (...) Mas isso está mudando graças à revista, suas matérias e essa grande seção de cartas, que me ajudam a ver a homossexualidade com outros olhos e **me aceitar como sou.**”

SUIGENERIS: “parabéns pela sua **atitude corajosa**. (...) Saiba que você deu **um grande passo que vai tornar a sua vida mais simples no futuro, evitando que você tenha que conviver com mentiras, farsas ou duplicidades.**” (da carta “Hora da verdade”, publicada na edição n° 24);

Na tentativa de convencer o leitor a assumir sua homossexualidade, *SuiGeneris* classifica de maneira negativa o ato de não se assumir. A partir daí, faz com que a enunciação do “não se assumir” (ou a não enunciação do “assumir-se”) seja desvalorizada, ao ser relacionada ao registro negativo das unidades de sentido que definem o discurso da militância. O ato desvalorizado do “não se assumir” é colocado em oposição ao “assumir-se”, ato valorizado, tendo como base intertextos provenientes dos discursos político/jurídico, no que diz respeito a questões legais e de cidadania; social, referente a questões de comunicação e integração; psicológico, relativo à questão da auto-aceitação e da auto-estima; e, moral, no que se refere à valorização da verdade sobre a mentira³, como mostra a tabela a seguir:

POSTURA	“ASSUMIR-SE” (ato valorizado; registro positivo do discurso)	“NÃO SE ASSUMIR” (ato desvalorizado; registro negativo do discurso)
política/jurídica (questões legais)	(1) não viver em prisões; <i>se permitir a liberdade a que qualquer pessoa tem direito.</i>	(1) <i>viver (...) em prisões domiciliares; não se permitir a liberdade a que qualquer pessoa tem direito.</i>
social (comunicação e integração)	(2) <i>vencer isolamento; ser out; ter assunto; poder falar de sua sexualidade.</i> (2) ter direito à palavra, à comunicação, à liberdade; integrar-se à sociedade.	(2) viver no isolamento; não ser <i>out</i> ; estar proibido de falar da sua sexualidade. (2) ser <i>um preso</i> (não estar integrado à sociedade); ser <i>um exilado em terra estrangeira</i> ; não se comunicar; não se integrar.
psicológica (auto-estima)	(1) ter leveza; não se esconder; não sofrer com <i>a possibilidade de ser descoberto</i> ; viver com <i>orgulho de ser livre.</i> (3) aceitar-se como se é; <i>tomar a vida mais simples; atitude corajosa.</i>	(1) carregar peso; viver com medo; viver escondido; sofrer com <i>a possibilidade de ser descoberto.</i> (3) não se aceitar; ter a cabeça confusa; atitude covarde.
moral (verdade vs. mentira)	(1) verdade que visa a uma sociedade mais justa. (2) viver uma vida de verdade. (2) <i>tratar honestamente a questão da homossexualidade.</i> (3) evitar <i>conviver com mentiras, farsas ou duplicidades.</i>	(1) <i>inverdade</i> que vai contra o estabelecimento de uma sociedade mais justa. (2) <i>carregar peso da mentira e da dissimulação.</i> (2) <i>fugir de tratar honestamente a questão da homossexualidade.</i> (3) <i>conviver com mentiras, farsas ou duplicidades.</i>

Na verdade, os “não assumidos” não são necessariamente pessoas isoladas socialmente; pessoas sem acesso a direitos legais e de cidadania; não são pessoas covardes, medrosas e sem auto-estima e nem pessoas imorais, mentirosas e dissimuladas. Eles são assim na ótica do discurso da militância. Trata-se mais de fazer circular a desvalorização do “não se assumir”, enquanto posição enunciativa

³ Trata-se de uma divisão de caráter didático, mais do que de uma classificação rigorosa.

contrária à do discurso do “assumir-se”, do que de desvalorizar indivíduos empíricos, evidentemente.

O traço da “exposição” é estabelecido, então, como o núcleo semântico fundamental que irá legitimar a parte enunciável do dizível sobre a homossexualidade. É este traço que vai reger a semântica global do discurso, ou seja, o “assumir-se” vai reger todos os planos da discursividade da revista. Trata-se de valorizar o ato de “assumir-se” como forma de atingir a visibilidade propagada pela militância homossexual. O avesso desse traço é o “enrustimento”, simulacro que o discurso da militância cria para assim traduzir o que na verdade deveria constituir direito à privacidade quanto à orientação sexual.

Os aspectos reivindicados e, por este motivo, atribuídos ao registro positivo e valorizado do discurso são aqueles que estabelecem a VALORIZAÇÃO do “assumir-se” enquanto caminho para chegar à visibilidade (“exposição” quanto à orientação homossexual). Por sua vez, os aspectos recusados pelo discurso da militância, e por isso relegados ao registro negativo e desvalorizado do discurso homossexual, caracterizam-se pelo “não se assumir” enquanto DESVALORIZAÇÃO em relação à visibilidade (“enrustimento” quanto à orientação homossexual). De acordo com esta configuração discursiva, os enunciadore legítimos devem se afastar desse aspecto para permanecerem como tais.

O sistema de restrições determina as posições assumidas pela revista - assim como as posições atribuídas ao seu adversário discursivo - que vão se refletir na questão da visibilidade das discussões sobre homossexualidade. Mas o debate, que garante o vigor do discurso, não deve ser dissociado do modo de existência do próprio discurso.

Para melhor compreensão da relação entre discurso e seu modo de enunciação, recorreremos à noção de *ethos*, tal como Maingueneau a reformula a partir da retórica de Aristóteles para a Análise do Discurso. De acordo com Maingueneau (1996, pp.45-6):

Esta noção vem da *Retórica*, de Aristóteles (1378), que entendia por *ethos* a imagem que, implicitamente, um orador daria de si através de sua maneira de falar: ao adotar as entonações, os gestos, o comportamento geral de um homem honesto, por exemplo, não se DIZ explicitamente que se é honesto, mas MOSTRA-SE que se é (...).

Esta noção foi (...) explorada para a análise do discurso por Maingueneau (1984, 1991, 1993), em reacção contra uma concepção estruturalista do texto. Qualquer discurso (...) pressupõe um *ethos*: Implica uma certa representação do corpo de seu *responsável*, do enunciador que assume a responsabilidade desse discurso. A sua fala participa de um comportamento global (uma maneira de se mover, de se vestir, de se relacionar com os outros...). Atribui-se-lhe, assim, um carácter, um conjunto de traços psicológicos (...) e uma *corporalidade*. Carácter e corporalidade são inseparáveis, apoiando-se em estereótipos valorizados ou desvalorizados na colectividade na qual se produz a enunciação. (...) o *ethos* não deve ser isolado dos outros parâmetros do discurso; ele contribui de forma decisiva para a sua legitimação.

De acordo com esta noção, não se diz explicitamente que se é de determinada maneira, mas se mostra, por meio do discurso, que se é de determinada maneira. E se mostrar também é uma maneira de, ao mesmo tempo, incorporar e dar corpo ao discurso, o que, no caso da homossexualidade, funcionaria no sentido de aumentar a massa visível (massa discursiva e “populacional”).

O traço da “exposição” que, em oposição ao traço do “enrustimento”, rege a semântica global do discurso (militante) homossexual envolve mais do que se dizer explicitamente homossexual. Às vezes, nem há necessidade de que isso aconteça. Aderir ao discurso significa aderir a um modo de ser homossexual. Mais do que isso, aderir ao discurso homossexual, do ponto de vista da militância, significa incorporar um papel social. Não se trata de comprometer-se enquanto indivíduo empírico. O importante para a visibilidade é a circulação da causa e não necessariamente a tomada de posição quanto a uma prática sexual. Os não-assumidos não são criticados pelo que são (ou pelo que dizem ser), mas pelo que escondem ser, pelo que deixam de mostrar de si. Ou, por outro lado, são criticados por negarem o que mostram de si; por não assumirem o *ethos* que os identifica à orientação homossexual.

Acreditamos que, com essa caracterização semântica, o discurso da homossexualidade, tal como propagado por *SuiGeneris*, permite inclui-la num processo de deslocamento de sentido do “assumir-se”: de um princípio de classificação que considera o homossexual uma espécie (cf. FOUCAULT, 1976) - princípio fundado, no século XIX, nos padrões da heterossexualidade monogâmica. O “assumir-se” passa a ser uma possibilidade de alcançar a visibilidade e, conseqüentemente, de assegurar a identidade do sujeito no que diz respeito às reivindicações do grupo, conforme o quadro que se segue:

Até 1ª metade do século XIX	----- (reorganização do discurso/ deslocamento de sentidos)	Após 2ª metade do século XIX
<p>ASSUMIR-SE HOMOSSEXUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - passa, predominantemente, pelos âmbitos médico e religioso - a sexualidade, considerada doença, perversão e pecado, insere-se numa categoria excludente da prática sexual - instaura a oposição entre heterossexualidade normal e homossexualidade anormal - identificação do indivíduo a um grupo que o represente. Os indivíduos se unem por se identificarem entre si e, assim, são classificados 		<p>ASSUMIR-SE HOMOSSEXUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - passa pelos âmbitos político-jurídico, social, moral e psicológico - a sexualidade, considerada a partir da noção de orientação sexual, insere-se em posturas de reivindicação por representatividade na sociedade - busca da identidade do sujeito - o indivíduo busca reconhecer a si mesmo e ser reconhecido pela sociedade. Os indivíduos se unem para reivindicar representatividade (para serem visíveis)

<p>- o grupo é reconhecido enquanto gueto, enquanto grupo isolado e isolável. É a única opção de convivência, a qual relega os indivíduos à invisibilidade</p> <p>ASSUMIR-SE: “permissão” para fazer parte de um grupo fechado</p>	<p>tentativa de mudar a relação grupo/sociedade</p> <p>-----</p>	<p>- o grupo visa à participação política na sociedade. Além de opção de convivência, é uma possibilidade de alcançar a visibilidade</p> <p>ASSUMIR-SE: contribuição para aumentar a “massa visível” e, conseqüentemente, a representatividade da homossexualidade</p> <p>- propiciar a convivência homossexualidade/heterossexualidade: expandir as relações</p> <p>- transitar do grupo para a sociedade: contribuição para que a homossexualidade exista abertamente</p>
<p>- consolidar a homossexualidade só entre homossexuais: limitar as relações</p> <p>- fixar-se apenas no grupo: oposição a que a homossexualidade “exista” e seja visível</p>		

Mas, o deslocamento de sentidos não parece suficiente para promover a ressignificação do discurso, pois a maneira como esse discurso vem sendo enunciado pela militância parece impedir a instauração de novas relações entre as formações discursivas concorrentes.

Este apelo ao “assumir-se” pode estar constituindo uma armadilha às avessas. Dentro do movimento, o “assumido” é visível enquanto o “não assumido” é invisível, relegado ao subterrâneo. O subterrâneo não fala; é objeto da fala de outros. A partir do momento em que falar enquanto indivíduo auto-identificado como homossexual, mesmo que seja para se defender, vai se mostrar homossexual, por se identificar ao discurso homossexual. A sociedade heterossexual dialoga, de igual para igual, com o subterrâneo. A minoria gay ativa, que se torna visível, ainda não tem diálogo efetivo com a sociedade “heterossexista”. A sociedade não reconhece o homossexual como ele quer ser reconhecido, como visível. O subterrâneo é o homossexual “mais ou menos misturado” à sociedade heterossexual, mas não se mostra como gay que reivindica o direito de ser gay. O não assumido, que é subterrâneo para o movimento, é visível para a sociedade; o assumido, visível no movimento, é relegado ao subterrâneo pela sociedade (é classificado para poder ser isolado). Assim, o discurso do “não assumido” é mais audível do que o do “assumido”, pois o primeiro não pode ser classificado e, conseqüentemente, não pode ser categorizado a partir da sua orientação sexual.

Tudo isso nos leva a concluir este texto com um questionamento: até que ponto essa dicotomização entre “homossexuais assumidos” (e valorizados) e “homossexuais não assumidos” (e desvalorizados) não estaria retomando a própria dicotomia rejeitada pelo movimento, aquela que opõe sexualidade normal (heterossexualidade) e sexualidade anormal (homossexualidade), para, dessa forma, criar mais um princípio de classificação entre os membros do grupo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, M. (1976). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. (tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque) 12. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997. (Título original: *Histoire de la sexualité 1: la volonté de savoir*)
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Genèse du discours*. Pierre Mardaga Editeur (tradução: Sfrío Possenti - mimeo).
- _____. (1987) *Novas tendências em análise do discurso*. (tradução: Freda Indurski) Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1989. (Título original: *Nouvelles Tendances en Analyse du Discours*)
- _____. (1996) *Os termos-chave da análise do discurso*. (tradução: Maria Adelaide P. Coelho da Silva) Lisboa, Gradiva, 1997. (Título original: *Les termes clés de l'analyse du discours*).
- MORANDO, L. (1998). "O visível e o representável". In: jornal *Nós Por Exemplo* (artigo coletado via Internet em 01/11/1998).
- SOUZA, P. de. (1997). *Confidências da Carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas (SP): Editora da Unicamp.